

PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA:
RELATOS PESSOAIS



**PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA: RELATOS PESSOAIS**

PET Letras (orgs.)



2022

Direito autoral:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Noctua. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995.)

Conselho Editorial Noctua

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriel de Ávila Othero

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Coordenação editorial: Gabriel de Ávila Othero

Revisão ortográfica: PET Letras

Capa: Amanda Fernandes Alves

Foto: Acervo História do Instituto de Letras UFRGS

Projeto gráfico e diagramação: Rose Tesche

1ª edição em 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PPG Letras UFRGS : 50 anos de uma história : relatos pessoais / PET Letras, (orgs.) ; [coordenação Gabriel de Ávila Othero]. -- Porto Alegre, RS : Editora Noctua, 2022.

ISBN 978-65-00-48157-0

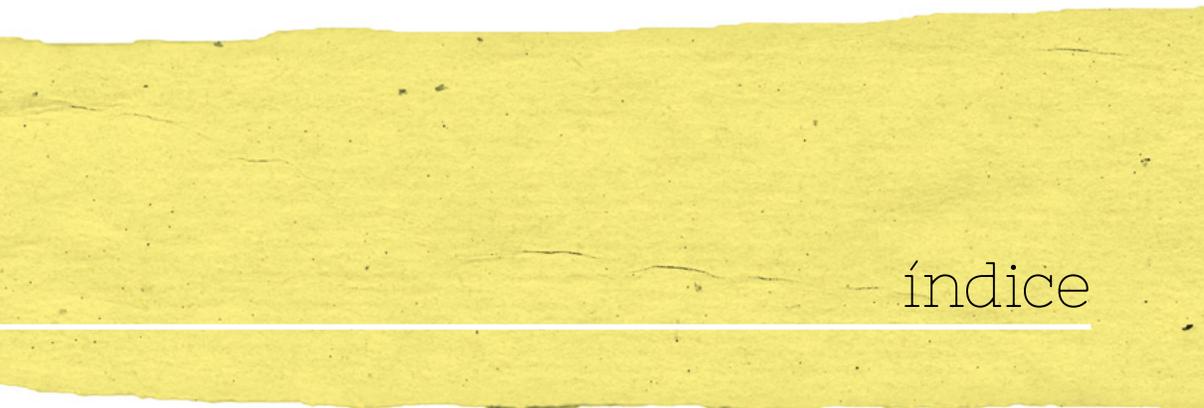
1. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - História 2. Professores - Relatos I. PET Letras.
- II. Othero, Gabriel de Ávila.

22-116827

CDD – 378.155098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Letras : História 378.155098165 Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



índice

007	Prefácio
011	Anamaria Welp
027	Antonio Sanseverino
041	Carina Rebello Cruz
047	Carmem Luci da Costa e Silva
059	Elaine Indrusiak
085	Elisa Battisti
095	Gabriel de Ávila Othero
103	Ingrid Finger
117	Lucia Sá Rebello
125	Luciana Vinhas
139	Luís Augusto Fischer
185	Luiz Carlos Schwindt
191	Márcia Ivana Lima e Silva
209	Maria da Glória Bordini
213	Michael Korfmann
227	Silvana Silva
235	Simone Sarmiento
257	Ubiratã Kickhöfel Alves
285	Valdir do Nascimento Flores

A horizontal strip of yellow, textured paper with a torn edge effect, spanning the width of the page. The name 'anamaria welp' is printed in a black, lowercase, serif font on this strip.

anamaria welp

Possui Mestrado e Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuando na graduação em Letras-Inglês. É professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa em Linguística Aplicada. Realizou estágio pós-doutoral na Universidad de Málaga, pela Fundación Carolina, e na City University of New York, pela Comissão Fullbright. Seus principais interesses de pesquisa são nas áreas de formação de professores, letramento, produção de material didático para o ensino de línguas adicionais, políticas linguísticas, internacionalização e educação bilíngue. Foi professora orientadora do subprojeto Letras Inglês-Português do Programa de Residência Pedagógica na UFRGS, de 2020 a 2022. É editora-chefe da Revista Bem Legal.

O INÍCIO DE TUDO: MINHA EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO

○ ano era 1983. Lembro-me de estar em pé na escada, num dos degraus de cima do pátio ao lado da Igreja São José, no centro de Porto Alegre, que abrigava um cursinho pré-vestibular. Abaixo de mim, centenas de outros jovens olhavam vidrados, assim como eu, para um alto-falante colocado na parte superior do pátio. Esperando aflitadamente, olhávamos todos para aquele alto-falante como se fosse possível enxergar o som dos nomes que saíam dali. O silêncio era ensurdecedor, e a espera infundável. Então a voz do locutor da rádio iniciou a ladainha interminável composta pelos nomes dos aprovados no vestibular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Não demorou muito, ouvi meu nome ser pronunciado. Foi o primeiro dos que estavam ali esperando comigo. Esquecendo-me de que estava no meio de tanta gente, não consegui controlar um grito: “Passeeeeeiiii!”. Olhei para baixo e me senti uma estrela de roque. Todos olhavam para mim e sorriam, aplaudindo e celebrando, contaminados pela minha alegria.

O momento foi deveras marcante, mas não refletia minhas incertezas quanto ao curso que estava prestes a começar. Como a maioria dos jovens da minha idade na época, eu havia termina-

do o ensino médio e me sentia compelida a escolher uma carreira. Naqueles tempos, não era muito comum trocar de curso. O habitual era seguir aquele caminho que escolhíamos sem ter maturidade para saber se era realmente o que queríamos.

Foi assim que comecei o curso de Letras da PUCRS. O que me levou a essa escolha? O inglês. Era uma das únicas coisas de que gostava. A grande ironia era que a única certeza que tinha era que eu não queria ser professora. Assim, lá fui eu escolher o Bacharelado em vez da Licenciatura. Fico pensando se meu eu de agora pudesse aconselhar meu eu de então, será que eu seguiria os conselhos? Provavelmente não. Muitas coisas tiveram de acontecer no meu caminho para que eu me convencesse de que a docência, e sobretudo a formação de professores, é minha vocação.

Antes de iniciar o primeiro semestre, fomos levados a fazer uma prova para verificar se estávamos aptos a cursar as disciplinas de inglês, que, ao contrário das de francês, não iniciavam no básico. Como já era fluente na língua inglesa por ter feito intercâmbio nos Estados Unidos, fui considerada apta. Era um sinal de que estava no caminho certo.

Nas primeiras aulas de língua portuguesa, a professora nos pediu para escrevermos uma redação. Aqueles que tirassem menos do que sete, deveriam ser encaminhados para o laboratório, onde deveriam aprimorar sua escrita. Para minha alegria, tirei nota nove. Atribui meu bom desempenho, entre outros fatores, às aulas do meu hoje querido colega de linha de pesquisa, Professor Paulo Guedes,

que havia sido meu professor de língua portuguesa no Ensino Médio.

As aulas da faculdade eram interessantes, evidentemente, umas bem mais do que outras. Minhas disciplinas favoritas eram as de língua inglesa e as de linguística. As disciplinas de inglês me permitiram expandir meus conhecimentos e fazer amizades para a vida. Foi nelas também que subi ao palco em minha incursão pelo teatro, em uma produção, que ficou famosa no curso de Letras por vários anos: “The Ugly Duckling”.

Nas disciplinas de linguística, foi a primeira vez que soube do fascinante processo de aquisição da linguagem pela criança. Não só o assunto era atraente, mas a maneira como a professora ministrava, sempre trazendo exemplos de sua experiência com sua filha pequena, era encantadora. Foi ali também que aprendi que a língua varia e que existem gramáticas que são normativas e outras que são descritivas. Aprendi também que um linguista não deve ter preconceitos contra nenhuma variedade linguística. Sem perceber, nascia ali uma linguista.

Olhando para aquela experiência agora, lamento que as disciplinas fossem tão fragmentadas e, portanto, descontextualizadas. Infelizmente, os conteúdos eram organizados de forma segmentada: gramática, literatura, língua inglesa, língua portuguesa, morfologia, sintaxe etc. Seria muito mais interessante ver a linguística através das disciplinas de língua, e vice-versa.

Logo no início do curso, comecei a ministrar aulas de inglês. Primeiro em um famoso curso livre (não havia muitos naquela época) e depois para alunos particulares. Como se pode perceber,

os sinais estavam todos ali, mas eu continuava afirmando para mim mesma que aquilo era só um “bico” e que eu jamais seria professora. A bem da verdade, durante os anos de faculdade, experimentei várias profissões, fui curadora em uma galeria de arte, secretária executiva em uma grande empresa, vendedora de anúncios para uma revista de surf. Nada me fazia feliz, mas eu continuava com minha determinação de não ser professora.

Foi então que, em 1987, me formei em Bacharel em Letras Inglês e Português. Ainda convicta de que não queria nada com a docência, fui trabalhar como secretária executiva em uma grande indústria de tintas. Apesar de ganhar um bom salário para alguém que estava iniciando, sempre sentia que faltava algo para me realizar. Trabalhei lá por aproximadamente um ano e então decidi pedir demissão.

EXISTE VIDA DEPOIS DA FACULDADE

Durante alguns anos depois de me formar, fiquei pulando de emprego em emprego. Me sentia perdida, sem perspectivas. Um certo dia, uma ex-colega me telefonou me oferecendo um emprego como professora de inglês em uma escola de educação básica particular tradicional de Porto Alegre. Sempre digo aos meus alunos que não fui eu que escolhi minha carreira; foi ela que me escolheu. O convite chegou em um momento oportuno em que eu me encontrava sem rumo. Mesmo não tendo o diploma de Licenciatura, a escola me contratou. Foi para minha surpresa que gostei da experiência. Senti que era boa naquilo e que os alunos gostavam de minhas aulas.

A experiência serviu para me mostrar que talvez fosse um bom momento para abandonar minha implicância com a docência. Mesmo assim, vi que a escola não era onde eu queria ficar. No final do ano letivo, pedi meu desligamento.

Comecei então a procurar emprego em cursos livres. Por intermédio de uma outra ex-colega, fui contratada por uma escola de inglês de São Leopoldo, que era especializada em cursos *in company*. Iniciei como professora, mas o dono do curso em seguida me promoveu a coordenadora pedagógica. Nesse meio tempo, resolvi fazer também o processo seletivo, que incluía um treinamento, em um conhecido curso livre da cidade (a essas alturas já havia vários cursos livres em Porto Alegre). Assim, iniciei como professora em um curso e coordenadora no outro.

Dois anos depois, fui participar de um evento para professores de inglês no Centro Cultural Brasileiro Norte-americano, quando encontrei outra ex-colega de faculdade. Ela me informou que estava trabalhando como professora no curso de inglês de extensão da PUCRS e que falaria com a coordenadora, a qual casualmente era a minha professora de linguística da Letras, aquela de cujas aulas eu gostava, para que conversasse comigo. Pouco tempo depois, em 1990, comecei a ministrar aulas de inglês, e mais tarde também de português para estrangeiros, na extensão da PUCRS.

Em seguida, me desliguei do curso de São Leopoldo e, dois anos depois, do curso livre, ficando somente com a docência na extensão da PUCRS. Foram anos que me trouxeram muitos aprendizados como professora. Tudo o que eu não havia aprendido na

faculdade, por conta de não ter escolhido a Licenciatura, aprendi sozinha, na prática, ministrando minhas aulas, compartilhando as experiências com colegas, lendo e frequentando eventos na área.

Eu finalmente havia descoberto o que gosto de fazer. Porém, havia uma questão que ainda incomodava: a PUCRS não contratava a mim e a outros colegas como professores efetivos. Éramos contratados somente para as aulas que ministrávamos na extensão. Foram anos de negociações até que, em 1998, a universidade informou que assinaria nossas carteiras com a condição de que ingressássemos no Mestrado.

FILHOS, TRABALHO E PÓS-GRADUAÇÃO: TUDO JUNTO!

Em 1999, fui aprovada na seleção de Mestrado em Letras da PUCRS e iniciei meus estudos. Como o Programa de Pós-Graduação não contava com professores que orientassem na área de Linguística Aplicada, optei por pesquisar na área de Psicolinguística. Fiz o Mestrado com minha filha, Roberta, ainda bebê. Quem faz Mestrado sabe o quanto o curso é puxado, pois além de termos de cumprir muitos créditos e de ler um número expressivo de textos, cada disciplina cursada exige um trabalho de conclusão complexo, sobretudo para alunos que não têm ainda experiência com textos acadêmicos. Pois tive de enfrentar essa fase junto com a maternidade, sem diminuição da minha carga horária de trabalho, que naquele momento era o ensino em nível de graduação, além dos cursos de extensão.

Lembro-me de muitas noites entrar madrugada adentro trabalhando no computador enquanto meu marido, Fernando, dormia na cama ao meu lado e a Roberta dormia no berço em seu quarto.

O Mestrado da PUCRS contava com excelentes professores, que me proporcionaram oportunidades de aprendizagem que ainda hoje fazem parte do repertório de conhecimentos que utilizo na vida profissional. Entre as disciplinas cursadas, estudei Linguística Geral, Fonologia, Sociolinguística, Sintaxe, Pragmática, Análise do Discurso, Psicolinguística e Seminário de Pesquisa. Enfim, todas cobriam as áreas tradicionais da Linguística, mas os maiores aprendizados foram fazer pesquisa e escrever textos acadêmicos.

Em 2001, defendi minha dissertação. O título era “A consciência linguística como promotora do aprendizado de inglês como língua estrangeira na fase adulta”. O trabalho versava sobre um estudo com alunos de inglês adultos divididos em dois grupos: um grupo experimental e um de controle. Ao grupo experimental, eram aplicados exercícios que tinham a finalidade de desenvolver a consciência linguística dos participantes, através de questões que, de forma indutiva, os levavam a refletir sobre a estrutura do passado simples do inglês em contraste com o pretérito no português. O grupo de controle deveria fazer exercícios típicos de preencher lacunas, também visando ao aprendizado do passado simples do inglês, mas sem envolver a língua portuguesa. Aos dois grupos eram aplicados um pré e um pós teste. Os resultados revelaram que o grupo experimental mostrou um desempenho significativamente superior ao de controle.

No ano seguinte, ingressei no Doutorado na mesma área. Minha tese, que se intitulava “A conscientização linguística como atenuante da ansiedade no aprendizado de língua estrangeira”, procurava avançar a investigação realizada no Mestrado. O estudo realizado, mais uma vez, organizava os participantes em dois grupos, experimental e de controle. A ambos os grupos eram aplicados um pré e um pós-teste, em que era utilizada uma escala psicométrica para medir o grau de ansiedade e uma tarefa que media o grau de consciência linguística antes e depois de atividades que visavam propor aos participantes o trabalho com a estrutura do passado simples no inglês. Buscava-se confirmar, ou não, a hipótese de que atividades que desenvolvem a consciência linguística de aprendizes de língua estrangeira, através do contraste com a língua materna, diminuem a ansiedade e promovem um melhor desempenho na língua-alvo. No grupo de controle, eram aplicados exercícios típicos de preencher lacunas, sem envolver a língua portuguesa, e, no grupo experimental, eram utilizadas tarefas que envolviam a análise contrastiva entre o pretérito do português e o passado simples do inglês. Os resultados mostraram que a hipótese não se confirmava, ou seja, os números indicavam que o desenvolvimento da consciência linguística dos participantes não havia mostrado diferenças no nível de ansiedade entre os dois grupos.

O curioso dessa época é que, em meio ao curso, engravidei de meu segundo filho, Guilherme, que nasceu quando eu ainda não havia terminado os créditos das disciplinas. Lembro-me que, nesse período, eu cursava a disciplina de Semântica Argumentativa

e, durante a aula, por vezes eu precisava sair da sala porque o Guilherme, ainda na barriga, colocava o pé por entre minhas costelas. As mães que lerem este capítulo certamente se identificarão.

A diferença do Mestrado foi que, embora mais uma vez eu não tivesse o benefício de me afastar do trabalho para fazer o doutorado, por ter minha carteira assinada, após o nascimento do Guilherme, pude gozar de quatro meses de licença maternidade e mais um mês de férias, o que me permitiu cursar um semestre de disciplinas sem ter de trabalhar. Outra curiosidade é que, durante esses meses de licença, meu marido, Fernando, me esperava no estacionamento da universidade para que eu amamentasse o Guilherme durante o intervalo das aulas. Como todas as mulheres, me acostumei a fazer tudo ao mesmo tempo para conseguir construir e manter minha família e me realizar profissionalmente. Claro que nada disso seria possível se não pudesse contar com a parceria do Fernando. Nem todas as mulheres têm essa sorte, apesar de ser o direito de todas. Expresso aqui minha profunda solidariedade às várias que fazem isso tudo sozinhas. Muitas delas são minhas grandes amigas.

A VIDA DEPOIS DO DOUTORADO

O título de doutora agregou ao meu salário na PUCRS. A recompensa financeira valeu a pena, mas nada mudou na minha atividade profissional. Eu continuava não tendo oportunidade de ministrar aulas nas disciplinas da Letras. Em vez disso, eu e outros colegas éra-

mos colocados para ministrar o que era chamado de Inglês Geral, ou seja, disciplinas de inglês que eram ofertadas para alunos de todos os cursos da universidade. Era como dar aulas em um cursinho livre, mas em nível universitário.

A única diferença foi que, logo depois de ter defendido minha tese, a Diretora da Faculdade de Letras me ofereceu para ministrar aulas de português para o curso de Direito, além de continuar ensinando o Inglês Geral. Foi uma experiência interessante, porque era diferente de todos os contextos no qual eu havia atuado até então. Apesar de ter aprendido muito com a experiência, não era exatamente o que fazia brilhar meus olhos.

Eu adorava trabalhar na PUCRS. As razões disso eram as relações que tinha com muitos colegas e com a direção da Faculdade de Letras. Somando-se a isso, havia a infraestrutura e o espaço físico do *campus*, que eram maravilhosos. Entretanto, nem tudo era do meu agrado. Além de não poder ministrar aulas em disciplinas voltadas para a formação de professores, na qualidade de professora horista não me era permitido conduzir projetos de pesquisa, a menos que um professor com dedicação exclusiva assumisse a coordenação. Essa era a política da universidade, que, aos poucos, foi minando meu sentimento de satisfação com a instituição como lugar de realizações na minha carreira profissional. Eram frequentes os sentimentos de frustração e a vontade de mudar de carreira, ou de contexto de ensino. Foi quando, em 2010, a UFRGS lançou o edital do concurso para professor de inglês do quadro permanente.

ENFIM A UFRGS!

Provavelmente por me sentir desvalorizada e ter minha autoestima abalada por não ter avançado até onde eu queria na carreira dentro da PUCRS, me inscrevi no concurso da UFRGS pensando que não teria chances. Apesar de somar anos de docência na graduação e de possuir a titulação exigida, ainda tinha um currículo incipiente, sem muitas publicações para pontuar. Mesmo assim, ao pagar o DARF da inscrição, senti meu coração bater forte. Talvez fosse uma premonição de que uma grande mudança estava por vir na minha vida, ou um medo de, depois de vinte anos de PUCRS, estar tomando uma iniciativa que poderia me levar para fora dali. Prefiro acreditar na primeira suposição.

Com a publicação da lista de inscrições homologadas, pude ver que não estava sozinha na empreitada. Minha colega querida, Simone Sarmiento, estava na lista. Ao conversarmos, expressei minhas dúvidas e angústias, ela me incentivou a continuar. Mal sabíamos que, desde aquele momento, construiríamos uma parceria e uma amizade que perdura até hoje.

Decidida a levar a cabo a tarefa, comecei a estudar os pontos do concurso que estavam no edital. Foi assim que algo surpreendente aconteceu. À medida que eu avançava na leitura, mais certeza eu tinha da minha identificação com as perspectivas teóricas que apareciam nos textos. Constatei que a Linguística Aplicada era a área que mais me atraía, mas que, por não ter tido contato com ela, só agora tinha a chance de perceber. Apesar de ter de estudar

para o concurso enquanto trabalhava, consegui fazer as leituras e aprontar todos os documentos necessários. O prazer em ler os textos certamente ajudou. Seria penoso ter de ler sobre temas nos quais não tinha interesse.

Como que por uma onda de boaventura, somente quatro dos 15 candidatos inscritos efetivamente compareceram para as provas. Como resultado, fiquei em terceiro lugar, atrás de minhas colegas Simone Sarmento e Elaine Indrusiak. Seis meses depois do resultado, eu tomava posse como professora do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS.

Demorei a solicitar meu credenciamento no Programa de Pós-Graduação. Durante os seis anos que antecederam o processo, ministrei disciplinas de língua inglesa, de conversação em língua inglesa, de didática da língua inglesa e de estágio de docência em língua inglesa. Também coordenei, junto com minhas parceiras Simone Sarmento, Ana Fontes, Ingrid Finger, Márcia Velho e Ana Bocorny, o Idiomas sem Fronteiras dentro da UFRGS, desde sua implantação até sua extinção pelo governo federal.

Também coloquei em prática o projeto da Revista Bem Legal, que havia sido idealizado pelos colegas Margarete Schlatter, Pedro Garcez, Luciene Simões, Simone Sarmento e outros alunos e colaboradores e que mantenho ativo até hoje. Tive também a oportunidade de ser contemplada com uma bolsa da Fundación Carolina para fazer um estágio pós-doutoral na universidade de Málaga, na Espanha, onde, sob a supervisão do Prof. José Ignacio Rivas Flores, pude desenvolver pesquisa qualitativa através de narrativas de

professores em formação. A experiência resultou em dois textos publicados, um artigo em periódico e um capítulo de livro, ambos sobre os professores em formação no Idiomas sem Fronteiras da UFRGS. Ainda coordenei projetos de pesquisa sobre o tema que mais me interessava nesse período: construção de material didático para o ensino de línguas adicionais, que também renderam publicações em periódicos. Além disso, orientei diversos trabalhos de conclusão de curso. Eu finalmente havia achado meu lugar. Pela primeira vez, me sentia realizada na minha carreira.

ENTÃO CHEGOU A HORA DA PÓS

Assim, em 2017, quando julguei que estava pronta para orientar trabalhos na pós-graduação, me credenciei na linha de pesquisa em Linguística Aplicada. Já na minha primeira seleção, as duas vagas que ofereci para o Mestrado foram preenchidas por alunos que haviam sido grandes parceiros em meus projetos. Foi muito significativo ter o Álvaro Didio e o Dêner Ramos como os meus primeiros mestrandos. Ambos realizaram pesquisas excelentes. O Álvaro investigou o papel das línguas durante a experiência de mobilidade acadêmica para a UFRGS desde a perspectiva dos estudantes internacionais. O Dêner realizou uma revisão bibliográfica sobre gamificação no ensino de línguas adicionais (LA) e conduziu uma metassíntese qualitativa dos textos selecionados, para então propor orientações para a formação de professores de LA voltada para o trabalho pedagógico gamificado. Ambos obtiveram excelentes de-

sempenhos em suas defesas e produziram trabalhos de qualidade, que contribuíram para a área de Linguística Aplicada.

Em 2018, após ser contemplada com a bolsa da Fulbright, fui para Nova York, onde realizei meu segundo estágio pós-doutoral. A pesquisa que conduzi visava compreender a teoria e a pedagogia translíngues *in loco*, ou seja, nas escolas públicas bilíngues da cidade de Nova York. Supervisionada pela pesquisadora Ofelia García, me juntei ao grupo de pesquisadores do Centro de Pós-Graduação da City University of New York e me tornei membro do projeto CUNY-NYSIEB (CUNY-New York State Initiative on Emergent Bilinguals). Acompanhei o grupo na formação de professores de uma escola bilíngue na região de latinos do Harlem e tive a oportunidade de aprender sobre os temas a que, desde então, tenho dedicado meus estudos: a teoria e a pedagogia translíngues.

A experiência no CUNY-NYSIEB deu frutos no meu retorno à UFRGS. Resultou na oferta de duas novas disciplinas no PPGLet (Pedagogias de Educação Bilíngue e Educação Linguística e Decolonialidade). Originou uma tese, que está em andamento, e uma dissertação, que está sendo finalizada. Também rendeu quatro publicações até o momento: três artigos em periódicos na área de Linguística Aplicada, sendo um em coautoria com minha supervisora de pós-doutorado, um capítulo de livro, que ainda está no prelo, e um livro de coletâneas de artigos sobre pedagogia translíngue, que está sendo organizado por mim e por um colega da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Além disso, está inspirando um projeto de formação de professores, que está sendo construído

com professores e professoras de uma escola de Ensino Fundamental do município de Porto Alegre, onde um número expressivo de imigrantes provenientes da Venezuela e do Haiti estão matriculados.

Atualmente, oriento sete dissertações de mestrado e uma tese de doutorado e mantenho um grupo de estudos composto por alunos e alunas da graduação, da pós-graduação e de professores e professoras da rede pública e da rede privada de educação básica e de cursos livres de inglês e de espanhol. O grupo foi nomeado, pelos próprios participantes, de Núcleo de Estudos de Formação de Professores para a Educação Linguística (NEFPEL) e, a cada ano, acolhe mais participantes interessados em discutir os temas que abordamos: formação de professores, elaboração de material didático, construção de currículo, teoria e pedagogia translíngues, educação linguística e decolonialidade.

Como toda a busca, a minha foi cheia de desvios. Ainda devem surgir mudanças de rumo pela frente. Afinal, como diz Paulo Freire, “A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca” (FREIRE, 1996, p. 24)¹. De qualquer maneira, finalmente me sinto feliz com minha carreira e com a perspectiva de poder contribuir com o PPG da Letras, seja da maneira que for.

• • •

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.